

O melhor do humor brasileiro

Antologia

Organização, introdução e notas
Flávio Moreira da Costa



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da organização, introdução e notas © 2016 by Prosa do Mundo/ Flávio Moreira da Costa

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Retina 78/ Alceu Chiesorin Nunes

Preparação

Leny Cordeiro

Andressa Bezerra Corrêa

Revisão

Thaís Totino Richter

Valquíria Della Pozza

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

O melhor do humor brasileiro : antologia – organização, introdução e notas Flávio Moreira da Costa. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Vários autores.

ISBN 978-85-359-2718-4

1. Contos brasileiros – Coletâneas 2. Humor 3. Poesia brasileira – Coletâneas.

16-02231

CDD-69.308

-869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura Brasileira 869.308

2. Poesia : Antologia : Literatura Brasileira 869.108

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

Introdução — HUMOR, HUMORES, BRASIL, BRASIS, 17
Flávio Moreira da Costa

I. HUMORES INICIAIS

Canto canibal: CULTURA TUPINAMBÁ, 21
Anônimo

Poemas guaicurús: CULTURA INDÍGENA, 23
Anônimo

A onça e o veado: CONTO POPULAR — CULTURA INDÍGENA, 25
Anônimo

A onça e a coelha: CONTO POPULAR — CULTURA INDÍGENA, 27
Anônimo

O amigo da onça: CONTO POPULAR — CULTURA INDÍGENA, 29
Anônimo

O macaco e o moleque de cera: CONTO POPULAR, 32
Anônimo

Trovas populares: POESIA, 34

Anônimo

De como o Malasartes fez o urubu falar: CONTO POPULAR, 37

Anônimo

II. HUMORES COLONIAIS

Soneto: POESIA, 43

Gregório de Matos (1636-96)

Define o poeta os maus modos de obrar na governança da Bahia, principalmente naquela universal fome que padecia a cidade: POESIA, 45

Gregório de Matos (1636-96)

Visita de médico: TEATRO, 48

Antônio José da Silva, o Judeu (1705-39)

Cartas chilenas: TRECHO DA POESIA, 52

Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810)

Memórias de um sargento de milícias: TRECHO DO ROMANCE, 57

Manuel Antônio de Almeida (1831-61)

O alienista: TRECHOS DA NOVELA, 61

Machado de Assis (1839-1908)

III. HUMORES IMPERIAIS

Juiz de paz na roça: TRECHO DA PEÇA, 73

Martins Pena (1815-48)

São os meus escritos uma panaceia universal: SELEÇÃO, 84

Qorpo-Santo (1829-83)

O barão e seu cavalo: POESIA, 87

José Bonifácio, o Moço (1827-86)

Como se fazia um deputado: TRECHO DA PEÇA, 89

França Júnior (1838-90)

Enterro de luxo: TRECHO DA CRÔNICA, 93

França Júnior (1838-90)

Disparates rimados: POESIA, 95

Bernardo Guimarães (1825-84)

Ao correr da pena (I): CRÔNICA, 98

José de Alencar (1829-77)

Ao correr da pena (II): CRÔNICA, 103

José de Alencar (1829-77)

Ao grande literato homeopático dr. Veludo: POESIA, 106

Gonçalves Dias (1823-64)

A carteira de meu tio: TRECHO DO ROMANCE, 108

Joaquim Manuel de Macedo (1820-82)

Poema satírico: POESIA, 113

Laurindo Rabelo (1826-64)

Quem sou eu?: “A BODARRADA”/ POESIA, 115

Luís Gama (1830-82)

O Ateneu: TRECHO DO ROMANCE, 118

Raul Pompeia (1863-95)

Tílburi de praça: CONTO, 121

Raul Pompeia (1863-95)

Armas: POESIA, 125

Fagundes Varela (1841-75)

Os brincos de Sara: CONTO, 127

Alberto de Oliveira (1857-1937)

O rei reina e não governa: POESIA, 131

Tobias Barreto (1839-89)

Sou da polícia secreta!: CRÔNICA, 134

Machado de Assis (1839-1908)

Um apólogo: CONTO, 136
Machado de Assis (1839-1908)

História comum: CONTO, 139
Machado de Assis (1839-1908)

IV. HUMORES DA REPÚBLICA VELHA

Esaú e Jacó: “A TABULETA”/ TRECHO DO ROMANCE, 145
Machado de Assis (1839-1908)

Ideias de canário: CONTO, 152
Machado de Assis (1839-1908)

O dicionário: CONTO, 157
Machado de Assis (1839-1908)

Teoria do medalhão, *diálogo*: CONTO, 161
Machado de Assis (1839-1908)

Memórias póstumas de Brás Cubas:
“HUMOR GRÁFICO”/ TRECHO DO ROMANCE, 169
Machado de Assis (1839-1908)

Memórias póstumas de Brás Cubas: TRECHOS DO ROMANCE, 171
Machado de Assis (1839-1908)

Quincas Borba: TRECHO DO ROMANCE, 177
Machado de Assis (1839-1908)

O madeireiro: CONTO, 179
Aluísio Azevedo (1857-1913)

Em custódia: POESIA, 186
Olavo Bilac (1865-1918)

A família Agulha: TRECHO DO ROMANCE, 188
Luís Guimarães Júnior (1845-98)

Parlamentares: TRECHOS DOS DISCURSOS, 194
Rui Barbosa (1849-1923)

Entre os antropóides: CONTRIBUIÇÃO PARA
O ESTUDO DA ANTROPOLOGIA/ CRÔNICA, 198
Antônio Torres (1885-1934)

Verbetes soltos: PARA DESENFADO E NENHUM
PROVEITO DOS LEXICÓGRAFOS ACADÊMICOS, 202
Carlos de Laet (1847-1927)

O plebiscito: CONTO, 205
Artur Azevedo (1855-1908)

O gramático: CONTO, 209
Artur Azevedo (1855-1908)

A cozinheira: CONTO, 214
Artur Azevedo (1855-1908)

O homem de cabeça de papelão: CONTO, 219
João do Rio (1881-1921)

Triste fim de Policarpo Quaresma (I): TRECHO DO ROMANCE, 226
Lima Barreto (1881-1922)

Triste fim de Policarpo Quaresma (II): TRECHO DO ROMANCE, 234
Lima Barreto (1881-1922)

O homem que sabia javanês: CONTO, 235
Lima Barreto (1881-1922)

Recordações do escrивão Isaías Caminha:
“POSITIVISMO”/ TRECHO DO ROMANCE, 244
Lima Barreto (1881-1922)

Numa e a ninfa: CONTO, 247
Lima Barreto (1881-1922)

A nova Califórnia: CONTO, 253
Lima Barreto (1881-1922)

Pijuca: CONTO, 262
Valdomiro Silveira (1873-1941)

Os meus otto anno: SÁTIRA, 266

Juó Bananére (1892-1933)

O papagaio: CONTO, 270

João Simões Lopes Neto (1865-1916)

Livro das donas e donzelas: “ARTE CULINÁRIA”/ CRÔNICA, 273

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)

Cena de comédia: CONTO, 276

Júlia Lopes de Almeida (1862-1934)

V. HUMORES REPUBLICANOS

(COM INTERVALOS DE DITADURA)

Tudo aquilo que o malandro pronuncia, com voz macia,
é brasileiro, já passou de português: SAMBAS, 285

Noel Rosa (1910-37)

Gramática portuguesa pelo método confuso: SELEÇÃO, 290

Mendes Fradique (1893-1944)

O colocador de pronomes: CONTO, 296

Monteiro Lobato (1882-1948)

Serafim Ponte Grande: INTRODUÇÃO AO ROMANCE, 309

Oswald de Andrade (1890-1954)

Eta, nós, da Terra de Santa Cruz Credo!: CRÍTICA E CRÔNICA, 312

Antônio de Alcântara Machado (1901-35)

Apólogo brasileiro sem véu de alegoria: CONTO, 317

Antônio de Alcântara Machado (1901-35)

Guerra civil: CONTO, 322

Antônio de Alcântara Machado (1901-35)

Máximas e mínimas: SELEÇÃO, 326

Barão de Itararé/ Aparício Torelly (1895-1971)

O defunto inaugural: RELATO DE UM FANTASMA/ CONTO, 328
Aníbal Machado (1894-1964)

As proezas de Macunaíma: LENDA INDÍGENA, 341
Anônimo

Macunaíma: RAPSÓDIA/ “TEQUE-TEQUE,
CHUPINZÃO E A INJUSTIÇA DOS HOMENS”, 345
Mário de Andrade (1893-1945)

Galinha cega: CONTO, 352
João Alphonsus (1901-44)

A morte e a morte de Quincas Berro Dágua: TRECHOS DA NOVELA, 359
Jorge Amado (1912-2001)

Dona Flor e seus dois maridos: TRECHOS DO ROMANCE, 377
Jorge Amado (1912-2001)

Quintanares: SELEÇÃO, 385
Mário Quintana (1906-94)

Aula de inglês: CRÔNICA, 388
Rubem Braga (1913-90)

Bárbara: CONTO, 392
Murilo Rubião (1916-91)

Porque Lulu Bergantim não atravessou o Rubicon: CONTO, 398
José Cândido de Carvalho (1914-89)

Aventura carioca: CRÔNICA, 401
Paulo Mendes Campos (1922-91)

Perfil de Tia Zulmira: CRÔNICA, 405
Stanislaw Ponte Preta (1923-68)

Millôr definitivo: A bíblia do caos: SELEÇÃO, 412
Millôr Fernandes (1922-2012)

Roteiro: CRÔNICA, 428
Carlos Heitor Cony (1926)

Eia! Sus! Sus!: CONTO, 431

Carlos Heitor Cony (1926)

Vavá Paparrão contra Vanderdique Vanderlei: CONTO, 433

João Ubaldo Ribeiro (1941-2014)

Sexo na cabeça: CRÔNICA, 439

Luis Fernando Verissimo (1936)

A pipoca tá quentinha: CRÔNICA, 442

Joaquim Ferreira dos Santos (1950)

Gênesis, revisto e ampliado: CRÔNICA, 445

Antonio Prata (1977)

Referências bibliográficas, 447

Introdução

Humor, humores, Brasil, Brasis

Flávio Moreira da Costa

É uma questão de abrir janelas. Qual janela? A janela do humor e a janela da tragédia dão para a mesma paisagem: a da miséria e a da riqueza da vida nossa de cada dia. Do cotidiano, da condição ou da comédia humana. Tomo emprestada essa imagem simples e rica de Tchékhov, porque uma metáfora como essa vale mais do que uma foto que vale mais do que mil palavras — ou que mil definições.

Nosso humor é reflexo de nossa visão de mundo. É um dado a um só tempo individual e cultural. É algo individual porque cada um de nós tem o humor que tem (ou que merece) e nada se pode fazer a esse respeito — a não ser, em caso de total falta de humor, algum tipo de terapia, mas isso é outra história. Cultural, no sentido antropológico da palavra, porque o humor resulta de uma infinidade de condicionantes linguísticos, locais, sociais, históricos, climáticos, de tudo aquilo condensado numa determinada formação, a um só tempo psíquica e coletiva. Assim, não se pode esperar que o humor de um russo seja igual ao de um esquimó, ou de um alemão, ou, para ficarmos no plano brasileiro, que o humor de um gaúcho da fronteira (lá de Santana do Livramento, por exemplo) seja o mesmo do de um baiano do Recôncavo ou de um nordestino do agreste. Ou que o humor de um carioca se assemelhe ao de

um paulistano. O que não impede que todos eles tenham a capacidade de rir e de fazer rir, tanto sobre as mesmas questões quanto sobre questões diferentes.

Ao fazer uma antologia de humor universal, aprendi que não existe humor, mas sim humores. Qualquer tema é sempre múltiplo. Amor? Não, amores e desamores. Crime e mistério? Crimes e mistérios. Loucura? Não, loucuras etc.

E o humor, já dizia Sílvio Romero há mais de um século, não é feito por pessoas bem-humoradas. Ao contrário: “Quando alguém faz humor é sinal de que está mal-humorado”. Afirmção recriada por Millôr: “O humor compreende também o mau humor. O mau humor é que não compreende nada”. (Variação de humor é outra história, diriam os doutores da mente.)

Parte dos humores brasileiros foi recolhida neste livro. Ou pedaços inteiros: humores tão ricos e variados, ao longo da nossa história e geografia, dos primeiros habitantes da terra, índios e colonos portugueses, passando pela cultura oral ou popular, e por autores de todas as épocas há cinco séculos, até os contemporâneos. Resultado ou “revelação”: retrato de corpo inteiro, uma série de fotos 3 x 4 ou uma *selfie* coletiva e transtemporal? Retrato ou caricatura, pois será que somos mesmo Macunaíma, como já “clicavam” nossos índios? Ou tendemos, com tanto burocratismo e (ainda) bacharelismo à nossa volta, ao “medalhão” da “teoria” de Machado de Assis? Ou nada disso: somos todos o homem que sabia javanês?

Realizar a presente antologia do humor brasileiro foi uma experiência de vida (ou leitura de vida toda), uma grande aventura; e que me proporcionou uma revisão de uma literatura que me acompanha desde a adolescência.

E resultou essa revisão — com os textos que foram possíveis (inclusive legalmente) — num viés agregador, dentro da diversidade de textos, temas, subtemas. Gostaria de considerar que apresenta uma aproximação afetiva de toda a nossa literatura sob o prisma do humor. É a literatura brasileira cheia de graça(s), eis o viés da história toda, com risos, sorrisos discretos e eventuais (nada obrigatório) gargalhadas.

Sim, vamos abrir uma das janelas de Tchékhov: eis um livro de literatura brasileira de humor.

Rio de Janeiro, 2016

I. HUMORES INICIAIS

*Como é que um monte de indivíduos ignorantes consegue fazer
essa coisa formidável chamada sabedoria popular?*

Millôr Fernandes

Canto canibal

CULTURA TUPINAMBÁ

Anônimo

Este canto guerreiro inesperadamente irônico, de índios que viviam em torno da baía de Guanabara, está no ensaio “Sobre os canibais”, um raro registro do século XVI — “versos canibais” que, séculos depois, inspirariam um poema de Goethe, quem diria. Está no clássico Ensaaios, de Montaigne (1533-92): “podemos muito bem chamá-los de bárbaros com relação às regras da razão, mas não em relação a nós, que os ultrapassamos em toda espécie de barbárie”. Montaigne chegou a este registro através de um amigo que participava das tropas de Villegagnon, durante a França Antártica. Um texto curto, antropológico e antropofágico, aqui em adaptação livre — mas sem fugir ao que é dito na tradução de Montaigne.

Venham,
Venham todos para a festa
Devorar um bravo guerreiro,
Pois comendo-o comerão também
seus pais e ancestrais, que serviram
de alimento e sustento ao seu corpo;

*esses músculos, essa carne e veias
são de vocês, pobres loucos;
saboreai-os bem, pois encontrareis
aí o gosto de vossa própria carne.
Venham,
Venham todos para a festa.*

Poemas guaicurus

CULTURA INDÍGENA

Anônimo

Spix e Martius registraram em alemão o humor dos índios cavaleiros, os guaicurus. Sílvio Romero, em História da literatura brasileira, diz que Eduardo Laemmert traduziu estes poemas orais e Joaquim Norberto colocou-os em versos “civilizados”.

I.

*Não quero mulher que tenha
as pernas bastante finas,
a medo que em mim se enrosquem
como feras víperinas.*

*Também não quero que tenha
o cabelo assaz comprido,
que em matos de tiririca
me acharia perdido.*

II.

*Quando me vires sem vida,
ah! não chores, não, por mim.
Deixa que o carcarai
deplore meu triste fim.*

*Quando me vires sem vida,
atira-me à selva escura,
que o tatu há de se apressar
em me dar a sepultura.*

A onça e o veado

CONTO POPULAR — CULTURA INDÍGENA

Anônimo

Registrado por Couto Magalhães, em O selvagem; versão recriada pelo organizador (em Alma-de-gato).

Pois a onça e o veado, cansados da agressividade na sociedade dos bichos, resolveram morar juntos na mesma toca. Como eles se respeitavam mutuamente, era meio caminho andado.

Viviam assim, em paz, sob o mesmo teto.

Combinaram que cada dia um sairia para caçar e trazer a comida para casa.

No dia de a onça sair em campo, ela foi e conseguiu matar um veado; entregou-o ao companheiro para que ele preparasse o jantar.

O veado não disse nada. Preparou a comida e... Bem, a verdade é que ficou muito apreensivo.

Dias depois, foi a vez de o veado sair à caça.

Andou, andou e, fosse intencional ou não, com a ajuda de seu amigo tamanduá, acabou matando uma onça.

Chegou em casa e ofereceu-a como próxima refeição à sua companheira.

Que, aliás, tampouco se deu por achada. Preparou a comida e... Bem, também ela ficou bastante apreensiva.

A vida continuou, mas dali em diante não tiveram, nem o veado nem a onça, mais sossego.

Viviam a se espreitar, desconfiados e atentos.

Até que um dia, ou melhor, uma noite, o primeiro ruído que um deles fez lá no seu canto, o outro, num átimo, rápido com um relâmpago, pulou da cama e aí então eram os dois, apavorados, fugindo, no meio da floresta e da noite, um para cada lado.

A onça e a coelha

CONTO POPULAR — CULTURA INDÍGENA

Anônimo

Basílio de Magalhães registrou esta história oral em O folclore no Brasil (Rio de Janeiro, 1928). A versão do organizador aqui publicada mostra uma história “primitiva” que obedece até hoje pelo menos a uma regra do humor anedótico — dos “civilizados”: o riso no final. (Mário de Andrade incorporou este conto, entre outros, em seu Macunaíma.)

Dona Onça tinha uma filhinha e procurava uma babá para cuidar dela. Um dia, aparece na sua toca uma coelha.

— Soube que vosmecê estava caçando uma babá para sua filha. Vim até aqui para ver se vosmecê me aceita.

— Pois sim, minha filha — dona Onça respondeu, sem mais delongas. — Vai entrando aí para dentro da toca e pode tomar conta da menina.

A coelhinha entrou pelo buraco-porta da toca, onde estava a oncinha. E passou a cuidar dela.

Até os bichos precisam criar uma rotina: todos os dias a onça-mãe trazia comida e entregava para a coelhinha alimentar sua filha.

Depois de um tempo, a onça-mãe chegou à entrada da toca e pediu à coelhinha que lhe mostrasse a onça-filha.

Esperou, e a coelhinha lhe mostrou a bichinha.

A oncinha estava magra, magra — parecia só osso. Era de dar dó.

Em compensação, a coelhinha... A coelhinha estava tão gorda que mal conseguia se mexer.

A onça-mãe ficou... uma fera. Bufava de raiva:

— Sua sem-vergonha, então eu trago comida todos os dias para você cuidar da menina e minha filha fica magra desse jeito! Já para fora, está despedida! Saia, saia, já para a rua!

A coelha, claro, estava morrendo de medo de sair. Zangada daquele jeito, a onça ia deixá-la em pedacinhos.

— Espere aí, só um pouquinho. Deixe eu botar minhas coisas para fora, depois eu saio. Tome, segure aí a minha cama.

A onça, ainda danada da vida, na porta do buraco, pegou a cama da coelha sem olhar e jogou-a longe.

— Tome esta arca. — A coelha a estendeu, sempre lá de dentro.

E a onça, zás, jogou a tralha no mato.

E continuou a coelha: tome isto e tome aquilo. E tudo, zás, a onça jogava para o mato.

Não tendo mais nada para entregar à onça, a coelha juntou as orelhas, colocou-as para fora do buraco e:

— Agora segure minhas alparcatinhas — ela disse *pracatinhas*.

Aí então dona Onça, que já estava azul de raiva com tanta amolação e com a safadeza que a coelha lhe tinha feito, segurou as alparcatas e — zapt, zupt — jogou-a com força bem lá dentro do mato.

A coelha, recuperando-se logo do “voo” mato adentro, bem... Pernas para que te quero! Desapareceu mais rápido do que tinha aparecido.

Enquanto isso, a onça ainda esperava na porta da toca:

— Anda, coelha! Sai daí, coelha! — gritava, danada de raiva.

Mas que nada! A coelha já estava longe, longe.